

O FIO DE ARIADNE E O TOURO DO IDA

Flávia Regina Marquetti

RESUMO

Abordaremos neste artigo o universo mítico de Creta, as relações existentes entre o mito de Ariadne, o ato de tecer, o labirinto e o touro, e as indicações decorrentes desses elementos para o estabelecimento de um possível sistema matrilinear na sucessão ao trono, além de sua origem provável nos ritos arcaicos ligados à Deusa Mãe.

PALAVRAS CHAVE

Ariadne, labirinto, touro, ciclo da natureza.

ABSTRACT

We will approach in this article the mythical universe of Crete, the existing relations between the myth of Ariadne, the act of weaving, the labyrinth and the bull, and the consequent indications of these elements for the creation of a possible matrilinear system in the succession to the throne, beyond its probable origin in the archaic rites related to the Goddess Mother.

KEYWORDS

Ariadne, labyrinth, bull, cycle of nature.

*Arruinei a roca, o risco, o fuso,
doce mãe, no tumultuoso amor por um
menino que me urdiu a esguia Afrodita.*
(Safó, 1987:102)

Creta tem sua origem ligada à paixão e ao touro. Esses dois elementos, somados à figura feminina da Deusa Mãe e suas representantes, constituem o elo da sucessão mítica cretense, a filha substitui à mãe, alternando-se, e um touro a outro, num movimento contínuo e cíclico, como o da espiral – o universo labiríntico de Creta desenha-se múltiplo, embora uno.

A teia, o fuso e o labirinto

O fio, como o novelo, a espiral e o círculo, compartilham do motivo da fecundidade/fertilidade/continuidade da vida. A correlação estabelecida entre o fio/novelo e a vida é anterior mesmo ao ato de fiar e tecer; ela encontra sua origem na teia e sua senhora, a aranha. Fiando seu mundo a partir de si mesma, a aranha e seu fazer são a prefiguração de uma das divindades mais antigas: as fiandeiras. Elas alimentam a inesgotável compreensão do desenrolar de toda a existência, enquadrada pelo nascimento e pela morte.

Somente à mulher caberia essa função, ela que cria o feto em seu ventre, como o novelo preso à roca por um fio, pacientemente formado; ao nascer, ainda ligado ao útero pelo fio/cordão umbilical, deve ser desligado/cortado para que possa ganhar sua existência. Diante dessa imagem pouco há a ser discutido sobre o mito das Moiras e outras fiandeiras.

As deusa tecem... vidas... expedientes: amorosos, políticos, guerreiros, propícios ou maléficos – todas possuem entre seus epítetos o de “tecelã de ardis”, como Afrodite; ou a de “roca ou de fuso de ouro”, como Ártemis e Atena. Virgens, amantes ou esposas, elas tecem... a vida da humanidade¹.

O fuso, utensílio–instrumento da fiandeira, foi o primeiro a simbolizar a lei do eterno retorno. Segundo Platão, o fuso da necessidade regula o conjunto cósmico, autonomiza a balança da vida e da morte [...] as Moiras fundam o mundo feminino, na medida em que ele é representação da periodicidade, da renovação, da transformação, da ruptura e do nascimento. (Brumel, 1998, p. 375)

O ciclo – movimento uniforme e rotativo – é então o gesto de ligação entre as fiandeiras, a Deusa Mãe e a espiral/novelo. A fertilidade e a fecundidade encarnadas no corpo da fiandeira têm sua origem no sexo da renovação da vida e da instauração da imortalidade, transcendente a toda destruição – como os ciclos da natureza e a sucessão das gerações: a jovem ninfa se tornará mãe e engendrará uma nova *koré*, como Deméter

e Perséfone, Pasífae e Ariadne – no rapto e violação da filha está prefigurado o drama da mãe.

O labirinto, como o novelo, partilha a simbologia da teia; ele é um entrelaçar de caminhos; “combinando o motivo da espiral e da trança, representa o infinito sob os dois aspectos de que ele se reveste na imaginação do homem: isto é, o infinito eternamente em mutação da espiral e o infinito do eterno retorno figurado na trança” (Chevalier & Gheerbrant, 1989, p.532). Atingir o centro é encontrar a origem da vida, ligar-se novamente à Terra Mãe; sair do labirinto, em contrapartida, é renascer, daí seu uso iniciático em diversas culturas e religiões.

Sua origem remonta às cavernas e grutas pré-históricas, de intrincados acessos e corredores sinuosos. A caverna no monte Ida, em Creta, na qual Minos se encontrava com Zeus a cada nove anos, seria o mais temível e intrincado labirinto, do qual Dédalo tirou o “modelo” para sua construção. Etimologicamente “labirinto” é a casa do *labrys*². É no centro da teia/labirinto da Deusa Mãe que se encontra seu consorte. Como o Sol, que se esconde (morre) nas entranhas da terra para renascer a cada manhã, o Touro/*labrys* é representado no interior do labirinto.

O touro do Ida

Zeus nasce em Creta. É no Ida, buscando refúgio, que Réia dá a luz ao futuro senhor do Olimpo. O pequeno Zeus é protegido por Gaia, que o esconde num antro profundo e inacessível; amamentado pela ninfa Amaltéia, o pequeno deus tem por companhia os curetes – demônios guerreiros e barulhentos, que com sua dança armada abafam o choro do divino infante. É esse Zeus jovem e imberbe que reinará sobre Creta, e ao qual são dados os epítetos de *ómbrios*, *hyétios* (chuvoso), *úrios* (que envia ventos favoráveis), *astrapaîos* (que lança raios), *brontaîos* (que troveja) – e é também aquele que se manifesta, o visível, o claro, o brilhante – qualificativos que o ligam diretamente ao raio e à chuva, mas também ao Sol. Zeus é, antes de mais nada, um deus da fertilidade – aquele que fecunda a Terra-Mãe com seu sêmen/chuva e faz o grão germinar com seu valor. Devido à sua ligação com a terra, da qual surgiu e a qual fecunda, ele é também *khthónios*; filho e amante, Zeus se une a diversas divindades ctônicas, como Europa, Sêmele, Deméter e outras, reafirmando assim sua hierogamia

com a Deusa Mãe e assumindo seu lugar de consorte, representado pelo touro, animal ao qual está intimamente associado, ou pela serpente: os epítetos *Meilichios*, *Ktesios* ou *Phlios*, corroboram para a representação de um Zeus em forma de serpente, o deus das tempestades. Novamente o touro, a serpente e o raio aparecem imbricados, confundidos na imagem do consorte da Deusa Mãe, como na Deusa do nó de Cnossos³ (Verbruggen, 1981, p.127-154 *passim*).

Zeus também aparece em Creta como *brontaios*, deus da tempestade, do raio e da chuva; *epirnytiós*, que reina sobre o mundo vegetal, atestando sua ligação com a fertilidade da vegetação, como mostram outros epítetos a ele ligados: *endendros*, *epikarpios*, *karpophoros* e *karpodotes*. O nome *welchanos* é encontrado igualmente em Creta, deus da chuva, do raio e protetor da vegetação, tido como um Zeus arcaico ou ligado a Hefesto e/ou Ares, e ao qual se associa o galo⁴. Como no mito de Ares, Afrodite e Hefesto: o senhor do fogo/raio – Ares – liga-se à ave, enquanto Hefesto, igualmente senhor do fogo, é o Deus dos nós; ambos, amante e marido, de uma Senhora cuja marca primeira é a sedução, o cinto onde se encontram todos os encantos e o sexo⁵ – referências que se aproximam sobremaneira do universo cretense da Deusa das Serpentes e seu consorte.

É nessa perspectiva de consorte viril e pujante que Zeus é representado em Creta como efebo. O jovem deus dos mistérios do monte Ida, o Zeus ctônico, nasce, tem seus primeiros ritos iniciáticos e morre, assim como os demais amantes/consortes da Deusa Mãe – epifania vegetal e taurimórfica que tem sua continuidade no mito de Dioniso Zagreus.

O Zeus cretense é um deus pré-helênico; segundo Verbruggen (1981, p. 21-26), ele assume em Creta o papel de Átis, o amante frígio de Réia–Cibebe. Nilsson, Farnell, Bethe e outros confirmam essa idéia – o Zeus cretense é um deus–touro, deus da vegetação e seu culto tem um caráter orgiástico, com características ctônicas e funerárias. Sua relação com os curetes e seu esconderijo nas entranhas da terra é evidência de uma iniciação guerreira, com a morte e renascimento do jovem Zeus que se une à Deusa Mãe – prefigurada na união do Touro/Zeus com Europa.

As cerimônias do Ida, nas quais o centro do culto é ocupado por um *Zeus Idaios*, confirmam sua divindade ctônica. Representadas em escudos e outros objetos votivos encontrados junto à entrada da gruta, próximos de um altar retangular talhado na rocha,

essas peças mostram uma deusa nua cercada de dois *sphinx* ou leões, ou o deus com os pés sobre o couro de um touro e erguendo um leão acima da cabeça (Ibidem, p.71-73). A figurativização do deus sobre o couro do touro e elevando o leão conota o sacrifício do touro na “estação” do leão, no qual o agente é o deus; elo entre touro e leão, ele é a imagem do Senhor que vence a ambos, o Senhor dos animais.

“Oito metros acima do altar, há uma gruta superior que conduz a uma pequena sala que contém estalactites em forma de falo e um pequeno montículo que faz pensar num trono”, na descrição de Verbruggen (1981, p.75), que mostra claramente a representação de uma hierogamia – a gruta/sexo/útero da Deusa invadida pelo falo/estalactite do macho. Até 700 a.C. era venerado nessa gruta do Ida um deus, senhor do raio. Ele era cercado de símbolos de soberania (águia, touro, leão) e acompanhado de servidores. Na mesma gruta era venerada uma divindade feminina. Seu culto comportava oferendas para queimar, danças circulares, o jogo dos címbalos, oferendas de estatuetas, de vasos e sobretudo de armas. Certas oferendas indicam a presença de homens e outras de mulheres (Ibidem, p.78-79).

Segundo autores antigos, os curetes e as ninfas existiam antes do nascimento de Zeus; derivam dos dáctilos, anteriores aos curetes, e eram a princípio servidores de uma divindade feminina.

Resquícios desse tipo, somados a cerimônias de períodos posteriores, relatadas por diversos comentadores antigos, ainda realizadas nas grutas do Ida e que conjugavam a iniciação masculina e guerreira com a iniciação das jovens cretenses, culminando com o casamento⁶, assim como o ocorrido entre Zeus e suas nutrizes, demonstram, pela continuidade e auto-referência, o caráter ctônico, guerreiro e orgiástico presente no culto de Zeus e de sua Senhora no monte Ida, culto ligado à fecundidade/fertilidade da terra e seus habitantes⁷.

O touro do mar

Ao raptar Europa, jovem e bela princesa fenícia, filha de Agenor e descendente, por sua parte, do próprio Zeus e de Posidão, Zeus assume a forma de um magnífico touro branco, com chifres semelhantes à Lua crescente. Sob essa forma ajoelha-se aos pés de Europa, deixa-se acariciar por ela e montar. Ao tê-la sobre o dorso, lança-se

velozmente ao mar, chegando a Creta, onde se une à jovem ao pé de uma fonte em Górtina⁸, sob alguns plátanos que, em memória dessa união, conservam o privilégio de jamais perderem as folhas. Dessa união nascem três filhos: Minos, Radamanto e Sarpédon. Europa casa-se posteriormente com Astérion, rei de Creta, que adota os filhos de Zeus⁹.

Nesse mito de origem da dinastia cretense observam-se vários elementos recorrentes do mito da Deusa Mãe e que se repetirão no de Minos e Ariadne. A começar pelo touro branco com chifres semelhantes à Lua crescente. Zeus assume desde seu nascimento as insígnias de um deus uraniano e solar, astro brilhante, representado pelo touro¹⁰. Zeus será sucedido no leito de Europa por Astérion, nome que tem sua origem em “estrela”, podendo ainda significar “aranha”, “planta” ou “astro” (Magnien). Como Zeus, Astérion apresenta-se sob o signo uraniano e brilhante.

A união do deus com Europa é fecunda, prova disso são os três filhos, mas essa união é também fonte de vida e continuidade para a natureza – a referência aos plátanos, sempre verdes, que não perdem suas folhas, portanto não morrem, revela o poder dessa hierogamia. A presença da fonte é outro indício; em quase sua totalidade, os mitos mostram as uniões/violações míticas ocorrendo junto a fontes, lagos e outros mananciais, ou dando origem a estes. Característica que será assumida posteriormente nos rituais iniciáticos, propiciatórios e outros, todos conjugam a água, ou o úmido (feminino), com o fogo (masculino).

Já Europa, na etimologia fenícia, designa a *Sombra*, ou a Lua Nova (Triomphe, 1989, p.184). Assim como Réia ou Gaia, ela é a Senhora que habita o mundo ctônico, é a negra, como Afrodite *Melainis*, associada ao reino de Hades e semelhante a Perséfone – ela é a escuridão da terra, o vazio profundo e perigoso, a terra úmida. Como Lua Nova, ela é a Lua que vai habitar as regiões infernais. Em ambos os casos, Europa figurativiza a Senhora ctônica, a grande Deusa Mãe ligada à Lua e seus ciclos, terrível e benéfica.

Da satisfação dos desejos...

Após a morte de Astérion, Minos disputa com os irmãos o trono cretense. O futuro soberano alega que, de direito e de fato, Creta lhe pertence por vontade dos

deuses e, para prová-lo, declara que os deuses lhe concederiam tudo o que desejasse. Ao fazer um sacrifício a Posidão, solicita ao deus que faça sair um touro do mar, comprometendo-se a imolar o animal logo em seguida em sua honra. Posidão atende o pedido, o que lhe vale o poder supremo, sem mais contestação por parte dos irmãos. No entanto, Minos, impressionado com a beleza do animal, não o sacrifica e o envia para junto de seu rebanho, desejando conservar-lhe a raça. Minos casa-se com Pasífae, filha do deus-Sol Hélios e de Perseis, e com ela tem vários filhos, dentre eles, Glauco, Androgeu, Ariadne e Fedra. Para punir Minos do perjúrio, Posidão alia-se a Afrodite, fazendo nascer em Pasífae uma paixão irresistível pelo touro¹¹. Auxiliada por Dédalo, Pasífae consuma seu desejo. Dessa união nasce o Minotauro, também chamado Astérion, monstro com corpo de homem e cabeça de touro. Buscando esconder o filho bastardo, Minos faz Dédalo construir, no palácio de Cnossos, o labirinto. Ali encerra o Minotauro, o qual alimenta com vítimas humanas¹².

A atmosfera que cerca a personagem de Minos e as aventuras de Pasífae e do Minotauro traduzem uma estrutura reincidente: a do consorte, ligado ao touro, que se une à deusa. Minos, filho de Zeus-touro, tem seu poder assegurado igualmente pelo touro, epifania de Posidão, que no universo cretense é um símile de Zeus. Minos é, portanto, também um touro – consorte viril que cobre inúmeras amantes (ninfas ligadas à terra como Prócris, que o livra das serpentes de Pasífae, ou Britomártis, *a doce virgem*, nome dado à Ártemis cretense) e tem por esposa Pasífae, *a que ilumina a todos* – filha do Sol¹³ – ela é a personificação da Lua Cheia. Da união do Touro/Sol – Minos com a Lua/Pasífae nasce Ariadne, *a muito bela*, ou *a casta, a pura, a luminosa, a muito sagrada e/ou honrada*¹⁴. Ariadne, como Pasífae, é filha do touro/Sol e da Senhora cretense e seguirá um destino idêntico ao desta.

Os valores ctônicos estão figurativizados, em Pasífae, em seu poder de maga; ela é irmã de Circe e, como ela, conhecedora de todas as ervas; no domínio das serpentes, animais que faz nascer do corpo de seu esposo quando ele se une a outras amantes – só a ela as serpentes poupam da morte; além de sua ligação com a Lua.

Ao unir-se ao touro de Posidão, Pasífae gera o Minotauro que, por sua vez, é um avatar da Lua, cujo crescente se assemelha aos cornos do touro. Ao ser denominado Astérion, “estrela”, mas também “aranha”, vê-se confirmar um ciclo não só estelar, retorno de Sírios, mas também figurativo, pois o novo Astérion-aranha-touro ocupa o

centro da teia-labirinto. Chantraine afirma que o Minotauro é etimologicamente *o Homem-Touro*. Filho da Deusa Mãe e de seu consorte, o Minotauro é o sucessor de Minos nessa dinastia taurimórfica – uma vez que Teseu terá de matá-lo para poder se unir a Ariadne, a nova Senhora de Cnossos.

O matador de touros

Após encarcerar o Minotauro no labirinto, Minos lhe oferece como repasto os jovens enviados a ele por Egeu, tributo que o rei de Atenas tem de pagar devido ao assassinato de Androgeu, filho de Minos, ocorrido durante os jogos de Atenas¹⁵. A cada sete, ou nove anos, as versões variam, Egeu envia a Minos sete rapazes e sete moças. Ao chegar a época do terceiro tributo a pagar, Teseu¹⁶ se oferece como uma das vítimas. Embora Egeu se oponha, Teseu parte com os jovens. O rei dá ao piloto da embarcação duas velas, uma negra para a partida e outra branca (ou púrpura, cor das flores do carvalho¹⁷) para a volta, que haveria de servir para noticiar a salvação dos passageiros. Teseu parte para Creta, mas antes vai a Delfos orar ao deus, que lhe ordena que tome Afrodite como guia e companheira de viagem. Ao chegar em Creta, Ariadne, filha de Minos e Pasífae, é tomada de um violento amor pelo jovem e lhe entrega o novelo (ou coroa luminosa)¹⁸ para que possa sair do labirinto; a única condição imposta pela jovem é que Teseu a leve consigo quando deixar a ilha. Teseu, munido da espada e do novelo, entra no labirinto e mata o Minotauro, rumando a Atenas com os companheiros e Ariadne. Devido a uma tempestade, Teseu é atirado às costas de Chipre (ou Naxos) onde abandona Ariadne¹⁹, que mais tarde é encontrada por Dioniso; enamorado da bela Ariadne, o deus do vinho se une a ela. Teseu aporta em Delos e, depois de sacrificar a Apolo e consagrar a estátua de Afrodite que Ariadne lhe havia dado, executa com os jovens um coro de danças cujas figuras imitam as curvas e os ângulos do labirinto, num ritmo de movimentos alternantes e circulares. Teseu executa a dança ao redor do *Cerato*, altar feito de chifres (*keráton*). Esquecido de mudar as velas, o piloto aproxima-se de Atenas com as velas negras. Egeu, acreditando na morte do filho, atira-se ao mar. Teseu empreende ainda várias expedições. Numa delas, une-se a Antíope, uma das Amazonas, com quem tem Hipólito. Mais tarde, regressa a Creta e rapta/desposa Fedra, irmã de Ariadne²⁰.

O mito de Teseu recupera inúmeros elementos ligados à Deusa Mãe e sua hierogamia com o touro, bem como os ritos propiciatórios e iniciáticos ligados ao Ida.

Teseu é filho de Egeu e/ou Posidão, congregando dessa forma o fogo de Hefesto com o mar/touro de Posidão. Embora o senhor dos mares seja, geralmente, associado ao cavalo, em Creta e no mito de Minos/Teseu ele se faz representar pelo touro. Assim sendo, Teseu é fruto da união de deus uraniano com a Deusa Mãe, equivalendo-se a Minos. Mas essa identidade não se restringe apenas à origem de ambos: Teseu, como Minos, é o símbolo do iniciado – juntamente com mais treze jovens, ele é encerrado no labirinto (símile da gruta do Ida onde Minos, a cada sete ou nove anos, vai se encontrar/enfrentar Zeus–Touro para relatar seu governo, só retornando ao mundo com o consentimento do deus), enfrenta o Minotauro, sofrendo uma morte ritual antes de se unir a uma esposa real e divina, Ariadne; duplo de Pasífae, ela é a luminosa, a luz da Lua, a ninfa/*koré* que se entregará ao touro/deus numa hierogamia semelhante à de Europa e Zeus. E, como Pasífae, deixará esse touro por outro, Dioniso – deus taurimórfico e ligado à vegetação, o que lhe custará a vida, sendo substituída por uma nova *koré*, Fedra.

Retomando a epifania de Zeus, a morte do *kouros* divino na gruta tem, como a morte/desaparecimento mística do iniciado, seu modelo na morte anual da vegetação, seguida de uma ressurreição primaveril promovida pela divindade feminina (Triomphe, 1989, p.181). Teseu, morto/desaparecido no labirinto/gruta, renasce pelas mãos de Ariadne – o novelo é o cordão umbilical, fio mágico, que traz Teseu à vida – como os demais consortes, ele é filho e amante de Ariadne. Seu (re)nascimento é fruto da união do Sol/touro com a terra – é o sangue do Minotauro, imolado por Teseu, derramado no labirinto/gruta/útero da Terra que promove a renovação e o surgimento de um novo ciclo, agora mantido por Teseu e Ariadne.

As sucessões dos consortes da Deusa Mãe ocorrem a intervalos regulares; eles são provados de maneira a demonstrar sua força, coragem e virilidade; se fracassam, são substituídos por um mais jovem e, eventualmente, imolados como tributo à deusa. O novo Senhor se unirá então a uma nova Senhora, revigorada pelo sangue, pronta a receber o sêmen. Ariadne sucede a Pasífae, como ela sucedeu a Europa – todas são a mesma e única Deusa – Mãe – Terra.

O abandono de Ariadne por Teseu parece confuso em suas muitas versões, mas, se visto dentro do arcabouço narrativo estabelecido para a Deusa Mãe e seu consorte, é bastante claro e coerente. Ariadne, mais que uma personagem apaixonada, é a figurativização da *koré*, da virgem, como Perséfone, Ártemis ou de Afrodite ao unir-se a Anquises (Homero. *Hino a Afrodite I*). Todas guardam a figuratividade da fruta madura pronta para ser colhida – plenas de sementes, elas precisam ter suas cascas rompidas, suas cinturas desnudadas, seus cintos desprendidos, seus véus levantados pelo Sol/touro para que as sementes se espalhem sobre a terra fecunda, gerando novos frutos para a nova estação primaveril. Sob esse aspecto, Ariadne equivale à Deusa do nó de Cnossos – *koré* benéfica, que oferece a continuidade da vida, serpente/novelo. Mas, após ser fecundada, a *koré* desaparece, deixa de existir, e Ariadne assume seu aspecto de *pótnia* – *Senhora das Feras* ligada ao leão solar²¹ (Dioniso), sucessor do touro, sendo substituída por outra *koré*, Fedra. Como Pasífae, ela brande as serpentes/abelhas da ira e as faz nascer de seu consorte – é a visão terrificante da Deusa com felino.

Dioniso é o *filho do Céu*, nascido duas vezes; ele é primeiro filho de Zeus e Perséfone. Zeus assume a forma de uma serpente para se unir à *koré* ctônica. Perseguido por Hera, o jovem deus é entregue aos cuidados dos curetes e Apolo, mas Hera o encontra e envia os Titãs para que o devorem. “Morto”, desmembrado e cozido, só resta o coração do deus, que Atena rouba aos Titãs a mando de Zeus, que o devora ou o dá a Sêmele, antes de se unir à jovem. Sêmele, avatar da Grande Mãe, é a terra, grávida do deus é fulminada por Zeus (senhor do raio) ao desejar vê-lo em todo o seu esplendor. Dioniso, retirado do ventre de Sêmele, é colocado na coxa de Zeus, que termina sua gestação²². Ao (re)nascer é confiado às ninfas e aos sátiros, sob a forma de bode. Entre as vinhas, na sombria gruta de Nisa, Dioniso cria o vinho.

Como Zeus/Minos/Teseu, Dioniso é filho da Terra – Deusa Mãe fecundada pela serpente/touro/raio. Após sua morte ritual, renasce, conjugando o úmido e o ígneo. O deus apresenta-se então sob a forma de touro, de bode e, às vezes, de um felino (pantera, leopardo ou leão). Deus das orgias e do êxtase, ele é para os cretenses Zagreus, o Senhor das Feras, confundindo-se com Zeus, associado às abelhas, às serpentes e às danças vertiginosas ao som dos címbalos.

Ao tornar Ariadne esposa de Dioniso, o mito recupera os valores astrais e perpétuos dos ciclos da natureza. Se Dioniso é o novo Zeus–touro, Ariadne é a deusa

cretense, a terra. Instalados no céu, com a constelação da coroa, o par divino celebra a cada ano a renovação da natureza, servindo de modelo e estabelecendo uma sequência ritual, na qual vida, sedução e morte equivalem a mais uma volta da elipse do tempo – nova, diferente, porém idêntica à anterior.

Não é sem motivo que Teseu retorna a Atenas na época da colheita: ele, que, matando o touro na casa do *labrys*, nada mais fez que prolongar a longa aventura taurina que teve seu prosseguimento com o nascimento do Minotauro. Teseu é o agente que irá traduzir o mito em estruturas religiosas e sociais mais concretas. Ele é o iniciado que, sob os auspícios de Afrodite, Senhora do sexo e da fertilidade, retorna à vida e ensina/representa, através da dança (símile do ato sexual), os perigosos caminhos que levam ao centro do labirinto – ao ventre da Deusa. Novamente Teseu e o Minotauro se fundem: ao recriar o labirinto através da dança, Teseu assume o lugar do homem–touro–aranha, ocupando o centro da teia–labirinto por ele tecido. A dança executada por Teseu segue o movimento chamado *gêranos*: associado ao grou (ave pernalta), é dançado por várias pessoas, uma atrás da outra em fila única.

[...] a dança do grou imita ora a saída do labirinto, ora a entrada na morada do Minotauro. E nas descrições dos antigos o movimento é especificado por dois aspectos. De um lado, suas figuras maiores são a paralaxe e a espiral (parállaxis e anêlixis), combinando num traçado helicoidal os movimentos alternados da esquerda para a direita. De outro, o movimento é conduzido por dois guias, cada um ocupando uma extremidade. Os dançarinos se alinham numa fila contínua, porém provida de dois guias, como uma fila cujo cerra-fila se metamorfoseasse em guia, num ponto e num tempo do percurso. (Detienne 1991,p.18)

A referência ao grou complica e muitas vezes oculta a pertinência dessas figuras da dança para descrever o percurso do labirinto. Para uns, a Donzela na dança da primavera realizava um antigo rito agrário, relacionado com um percurso lustral alheio às aventuras de Teseu (a dança ao redor do altar seria um rito banal de natureza lustral aproximado por contra-senso de um antigo rito agrário de primavera sob o signo da ave grou, segundo Roux, citado por Detienne); para outros, seu nome evoca um detalhe singular da dança: *a forma triangular da evolução* (ibidem, 1991, p.18), tratando-se de uma dança ligada ao labirinto e, portanto, à elipse e ao sexo feminino, a forma triangular da evolução retoma o delta púbico e o sexo da Deusa.

O touro enredado

Na continuação do mito de Teseu, ocorrem novas uniões com as *kórai*: com Antíope, a Amazona, que, como as ninfas abelhas do cortejo de Ártemis/ Ariadne/ Afrodite, nutrizes de Zeus, entrega-se ao touro para gerar um novo filho/amante – Hipólito, o sucessor de Teseu; e com Fedra, a nova Senhora, mas que deseja um novo consorte, pois Teseu, já velho, deve ser substituído, embora Hipólito recuse-se a cultivar Afrodite e a se unir a Fedra. Caluniado por ela, Hipólito é morto pelo touro que Posidão faz surgir do mar a pedido de Teseu. Incapaz de controlar seu carro, “*preso nas rédeas, Hipólito, é arrastado num laço inextricável, esmagando a cabeça nos penhascos e lacerando as carnes*”²³ (Eurípides, *Hipólito*, 1236-1239).

Os versos de Eurípides narram o sacrifício desse jovem touro – enredado e preso por um nó que não se pode desatar, ele é arrastado por suas éguas, banhando a terra deserta com seu sangue; como Minotauro ou Dioniso seu sangue fecunda a terra.

A presença do *nó inviolável* que o liga, por meio das rédeas (correias, faixas ou cintos), às éguas recupera a figuratividade das deusas com suas cinturas guardadas pelo nó sagrado. Como o cavalo, as éguas ligam-se às trevas do mundo ctônico e às abissais profundezas do mar. Associados às deusas ctônicas, os equinos aparecem no mito de Deméter, representada na Arcádia com cabeça de cavalo, no das Eríneas e no das Harpias, demônios das tempestades, da devastação e da morte, representadas a um só tempo como mulheres, pássaros e éguas (Chevalier & Gheerbrant).

O sacrifício/morte de Hipólito, enredado nos laços/nó de Afrodite, junto ao mar, assume o mesmo motivo sêmio-narrativo e a protofiguratividade dos demais deuses e heróis ligados às Senhoras. Atados a elas, pelo nascimento e pelo sexo, eles oferecem seu sangue e/ou sêmen para fecundá-las, gerando um novo substituto. Como Minos foi substituído pelo touro de Posidão, Hipólito também o é. Minos é morto pelas filhas do rei Cócalo, na Sicília, num banho de pez fervente (o piche é um “líquido” oriundo das profundezas da terra), “cozido” como Dioniso pelos Titãs. Teseu, como Egeu, tem seu fim no mar, em Ciro; todos parecem ligados à água, ao feminino, e a Afrodite e Posidão.

Atados à Deusa do amor erótico, pelo desejo ou pela violência/dor, os machos conjugam um percurso narrativo que leva de seu ocultamento numa gruta/caverna a um banho de sangue (seu ou de seu antecessor) e posterior união com a Senhora. Dioniso, oculto na caverna, renasce após “emasculat/matar” a vinha (os grãos de uva possuem o

mesmo conjunto sêmico dos testículos), e então unir-se a Ariadne ou outra *koré*. Zeus assume o poder após esconder-se no seio de Gaia e “matar” Cronos, que por sua vez também foi ocultado por Gaia em seu ventre para que emasculasse Urano. Motivo recorrente, o mais jovem assume seu direito de união com a Senhora ao verter o sangue de seu antecessor, sequência encontrada nos rituais de Ártemis, quando o aspirante a sacerdote deve matar o anterior e colher o ramo de ouro da árvore sagrada, e na sucessão dos reis divinos, que não podem ter uma morte natural ou por doença, o que corromperia a terra, os homens, as plantações e animais, inviabilizando a vida da comunidade. O sintoma particular que comumente selava a sentença de morte do rei é bastante significativo: quando ele já não podia satisfazer os desejos de suas numerosas mulheres – em outros termos, quando sua capacidade viril cessava, bem como a possibilidade de reprodução –, era o momento de morrer e ceder o lugar a um sucessor mais potente²⁴. Rituais sangrentos que perduraram até o período clássico, sendo abrandados depois (Frazer, 1956, p. 23-30, 312-332 *passim*), mas que revelam a permanência de uma estrutura cuja origem coincide com a do homem.

Assim como o cinto ou o nó, o touro branco, consorte da deusa e senhor do céu, tem sua imagem gravada desde as cavernas paleolíticas (o belo touro de Lascaux) até os relatos míticos dos amores de Europa e Pasífae e nos versos da tragédia. Fonte de vida e de morte, o touro e sua Senhora percorrem o imaginário humano desde seu nascimento, proposital ou não, inspiração das musas ou engenho e arte do poeta/artista. Impossível saber com certeza, mas é na arte e pela arte que esses traços se perpetuaram e evoluíram, se auto-referindo e transformando. A Natureza e a arte aparecem como reflexos uma da outra, deixando ao homem/Teseu o papel de espelho, superfície polida em que se projetam.

Dessa forma, os laços e adornos que enfeitam o corpo das deusas enredam o macho e o prendem ao desejo. Brilhantes e sedutores, delicados e transparentes, eles capturam o olhar, arrastando sua presa para o centro de uma teia. Atados a essa imagem fascinante, os consortes deixam-se morrer no gozo do prazer. A “*femme fatale*”, Deusa Mãe, Afrodite, instalada no centro de sua teia, move-se entre o brilho e a sombra – seu corpo é o centro, está sempre no centro, ocupando o mundo que o engloba – a experiência de transformações inesperadas e maravilhosas (nesse corpo feminino) deixa

no homem uma impressão intensa, êxtase perigoso, fronteira da sedução que se dá no encontro da representação do véu/cinto com a representação da carne.

A Deusa nasce nua e onipotente, representante da Natureza absoluta; com o passar do tempo assume um valor ctônico, é o solo do qual o homem extrai o alimento, mas que deve ser fecundado; para tanto é necessário que o macho se faça presente – Senhor dos animais, o Touro ou o Leão é entronizado ao seu lado. Com o refinamento cultural, surgem os ritos e a Natureza/Terra divinizada ganha seu relato mítico – a Terra se faz mulher jovem, bela e desejável – a Senhora é agora cantada pelo poeta em suas várias faces: Ártemis, Afrodite, Deméter, sedutoras e vingativas, elas enredam seus companheiros e tecem um novo mundo, pleno de detalhes, recobertos de signos e símbolos que disfarçam, ocultam seu centro, abismo, sexo primeiro de onde a vida surgiu. Transformações figurais que guardam em sua essência o jogo perigoso da existência: vida e morte, desejo e gozo.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega I*. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *Mitologia Grega II*. Petrópolis: Vozes, 1994.

BRUMEL, Pierre (org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio ed., 1998.

CARVALHO, Sílvia Maria Schmuziger. O mito de Édipo : uma análise antropológica. In: BRANDÃO, Jacyntho Lins (org.). *O enigma em Édipo Rei e outros estudos de teatro antigo*. Belo Horizonte: UFMG/CNPQ, 1985. p.19-41.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de Langue Grecque. Histoire des mots*. Paris: Éditions Klincksieck, 1980.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Coord. Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

DAREMBERG, M.M.-Ch. & SAGLIO, E.D.M. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*. Paris: HACHETTE, 1887.

DAVEMBEZ, Pierre et al. *Dictionnaire de la civilisation Grecque*. Paris: Fernand Hazan, 1966.

DETIENNE, Marcel. *A escrita de Orfeu*. Trad. Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

DUMEZIL, G. *Le festin d'immortalité. Étude sur la mythologie comparée indo-européenne*. Paris: Gallimard, 1924.

ELIADE, Mircea. *Tratado de historia de las religiones. Morforlogia y dinámica de lo sagrado*. Madrid: Cristiandad, 1981.

EURÍPEDES. *Hipólito*. Trad. Carlos Miralles. Barcelona: Bosch, 1977.

FRAZER, James George. *La rama dorada. Magia y religion*. México: Fondo de Cultura Económica, 1956.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1993.

GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo: Cultrix, 1995.

HOMÈRE. Hymnes à Aphodite. In: *Hymnes*. Trad. Jean Humbert. Paris: Les Belles Lettres, 1967. p.141-64.

HOMÈRE. *L'Odysée*. Trad. P. Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

JEANMAIRE, H. *Couroi et Courètes. Essai sur l'éducation spartiate et sur les rites d'adolescence dans l'antiquité hellénique*. Lille: L' Observateur, 1939.

MAGNIEN, Victor & LACROIX, Maurice. *Dictionnaire Grec-Française*. Paris: Belin, 1969.

MARQUETTI, F. R. A teia e o labirinto. *LPH. Revista de História* 19-1. MG: UFOP ICHS, 2009.

_____. *Da sedução e outros perigos. O mito da Deusa Mãe*. São Paulo: EDUNESP, prelo.

NILSSON, Martin P. *The Minoan Mycenaean religion and its survival in greek religion*. Paris: Payot, 1950.

PICARD, Charles. *Les religions Préhelléniques*. Paris: Univesitaires de France, 1948.

PLUTARCO. Teseu. In: *Vidas paralelas*. Trad. Gilson Cardoso. São Paulo: PAUMAPE, 1991. V.1, p.17-51.

SAFO. *Safo: tudo que restou*. Trad. Alvaro Antunes. Minas Gerais: Interior Edições, 1987.

SOUZA, Eudoro. *Dioniso em Creta e outros ensaios. Estudo de mitologia e filosofia da Grécia*. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

TRIOMPHE, Robert. *Le lion, la vierge et le miel*. Paris: Les Belles Lettres, 1989.

VERBRUGGEN, H. *Le Zeus Crétois*. Paris: Les Belles Lettres, 1981.

NOTAS

1. A iconografia da deusa tendo nas mãos o fuso ou a roca é bastante difundida também no Oriente. A roca aparece nas mãos de Ishtar, da grande deusa hitita, da deusa assíria Atargatis e de uma divindade cipriota primitiva, assim como nas mãos da Deusa de Éfeso e na Deusa com fuso encontrada em Tróia, datando de aproximadamente 2.000 e 1.500 a.C.. Todas elas são divindades ligadas à Lua e às serpentes e têm função fertilizante/fecundante comum nos mitos (Eliade, 1981, p.194).
2. Brandão, 1992, verbetes *Minos* e *Minotauro*.
3. Conferir: Marquetti, 2010, p. 432- 475.
4. Conferir: Verbruggen, 1981, p.143-144.
5. Ver sobre o cinto de Afrodite – MARQUETTI, F.R. **Da sedução e outros perigos. O mito da Deusa Mãe**. Cap. 1.
6. Esses ritos ocorriam a intervalos regulares, em períodos de 7 ou 9 anos, sempre na estação de Sírius, ou Canícula, quando o touro solar abrasava a terra-fêmea (Verbruggen, 1981, p.71-99; Triomphe, 1989, p.173-178).
7. Cf. Verbruggen, 1981; Triomphe, 1989; Nilsson, 1950; Picard, 1948 e outros.
8. Europa está associada à deusa cretense de Górtina, *Hellôtis*, esposa do deus Welchanos, confundido com Zeus ou Apolo. O casal reaparece em Maratona e Corinto, sendo a deusa identificada à virgem Atena (Triomphe, 1989, p.179).
9. Cf. Brandão, 1992; Souza, 1973; Jeanmaire, 1939; Dumézil, 1924; Picard, 1948; Verbruggen, 1981; Davembez, 1966; Guimarães, 1995.
10. Confirmando seu valor astral, o touro cuja forma foi assumida por Zeus transforma-se em constelação, que é colocada no céu. Essa constelação é a que desaparece com o surgimento de Órion, em junho-julho, Canícula, e, segundo Triomphe (1989, p.168), é sacrificada com o *labrys* portado pelo gigante.
11. A paixão de Pasífae pelo touro é atribuída ora a Posidão somente, ora a ele e a Afrodite, que vinga na filha de Hélio a indiscrição do pai que havia contado a Hefesto sobre os amores clandestinos da deusa com Ares. Posidão em sua ira enfurece o touro, que mais tarde é morto por Hércules ou Teseu (Brandão, 1992).
12. Cf. Brandão, 1992; Guimarães, 1995; Davembez, 1966; Grimal, 1993; Plutarco, 1991, p.28-36.
13. Astro ligado ao touro, como mostra seu enorme rebanho de bois, animais de brancura imaculada e cornos de ouro, que os companheiros de Ulisses ousam comer (*Odisséia* XII, 260-402).
14. Seu nome revela atributos que mais tarde serão conferidos a Afrodite e Ártemis.
15. Androgeu, após vencer os jogos, é enviado por Egeu para lutar contra o touro de Maratona, quando falece. Alguns mitógrafos dizem ser esse touro o mesmo que saiu das águas a pedido de Minos.
16. Teseu é dado como filho de Posidão e/ou de Egeu. Etra, sua mãe, ter-se-ia unido a ambos no mesmo dia. Egeu é descendente de Hefesto, deus do fogo, e de Gaia /Atena. Hefesto tenta violar Atena, mas ela escapa a ele; no entanto, o sêmen do deus cai sobre Gaia (a terra), que gera Erictrônio, ancestral de Egeu. Teseu é descendente, portanto, de um deus do fogo com uma Deusa Mãe. Deve-se observar ainda que Hefesto, após ser lançado do Olimpo por Zeus, viveu nove anos numa caverna, onde aprendeu a trabalhar os metais. Foi esposo de Afrodite, que o traiu com Ares – outro senhor do fogo.
17. A púrpura ou vermelho-escuro é a cor da realeza, mas aqui é também indício do esperado renascimento de Teseu; banhado no sangue escuro da mãe ao nascer, Teseu deveria regressar do centro da terra, envolto por velas (que possuem estreita correlação com os véus e, portanto, com o hímen-sexo) rubras – signo do iniciado.
18. Existem duas versões sobre o objeto ofertado a Teseu por Ariadne. O mais corrente é o novelo; o outro, uma coroa luminosa dada a Ariadne por Dioniso ou Afrodite. Tanto o novelo quanto a coroa se inserem no rol figurativo do círculo/espiral e demais semas vistos para o sexo. O novelo remete ao

- feto/cordão umbilical, mas também à Lua e seus raios/fios de luz, imagem contida na coroa. Ariadne, como Pasífae, é a Lua cercada por uma coroa de luz que guia o homem na escuridão da noite. Como símile do sexo, é graças à paixão inspirada por Afrodite que Ariadne se oferece a Teseu, auxiliando-o.
19. Há várias versões sobre o abandono de Ariadne por Teseu. Numa delas, a jovem está grávida e desce à terra, enquanto Teseu fica a bordo e é levado para longe pela tempestade; em outra, o jovem a abandona por estar apaixonado por outra mulher. Em ambas, Afrodite tem uma parcela de responsabilidade.
 20. Cf. Plutarco, 1991, p.17-51; Brandão, 1992, verbetes *Ariadne*, *Minos*, *Minotauro*, *Pasífae* e *Teseu*.
 21. Como Zeus, Dioniso assume valores uranianos e ctônicos, pois Ariadne é encontrada e amada pelo deus quando dormia num campo cheio de narcisos. O sono/torpor causado pelo perfume dos narcisos é comparado à morte; assim, Ariadne é um duplo de Perséfone, a *koré* raptada por Hades enquanto colhia um belo narciso, e Dioniso de Hades, deus ctônico.
 22. O verbo, utilizado por Eurípedes em *Hipólito*, 1236-1239, é *desmeyō* (atar, enlaçar), do qual deriva *desmós* “nó”, possui a variação *désmios*, “que encanta, que enfeitiça”; pas. “encantado, enfeitiçado”. A derivação poética remete a uma aproximação entre enredar/prender/atrair e encantar/seduzir, correlação também presente no latim *seducere* “levar para o lado, atrair”; da mesma forma, o latim *fascinus* ou *fascinum* significa “quebranto, sortilégio, malefício” e pertence à mesma família etimológica de *fascia* “faixa, atadura”; o termo *fascinio*, “mau-olhado, quebranto, sortilégio” no português tem origem no verbo *fascinare* “encantar, enfeitiçar”, a mesma raiz dos sortilégios e nós (Brandão, 1994, p.55).
 23. Outro aspecto que precisa ser levado em consideração, segundo Silvia de Carvalho (1985:25) “é que, com a formação dos Estados Teocráticos, o rei-sacerdote ou o rei encarnação de deus é, antes de tudo, tido como um ‘ser que se sacrifica’, um mediador entre o seu povo e os deuses ou o mundo exterior, e esta mediação se consegue no esquema arcaico de representações, assumindo o rei um status de ‘vítima sacrificial’. Esse sacrifício, numa sociedade de linhagens, em que os mortos – os ancestrais – são os mediadores entre o mundo humano e o Cosmos (Natureza e Além) caracteriza-se como um rito que visa transformar o chefe num ancestral vivo e por isso rei sagrado ou encarnação de deus, pois a linha genealógica ascendente leva naturalmente ao herói civilizador, que é, em última instância o deus criador dos homens e do mundo humanizado.”
 24. Outro aspecto que precisa ser levado em consideração, segundo Silvia de Carvalho (1985:25) “é que, com a formação dos Estados Teocráticos, o rei-sacerdote ou o rei encarnação de deus é, antes de tudo, tido como um ‘ser que se sacrifica’, um mediador entre o seu povo e os deuses ou o mundo exterior, e esta mediação se consegue no esquema arcaico de representações, assumindo o rei um status de ‘vítima sacrificial’. Esse sacrifício, numa sociedade de linhagens, em que os mortos – os ancestrais – são os mediadores entre o mundo humano e o Cosmos (Natureza e Além) caracteriza-se como um rito que visa transformar o chefe num ancestral vivo e por isso rei sagrado ou encarnação de deus, pois a linha genealógica ascendente leva naturalmente ao herói civilizador, que é, em última instância o deus criador dos homens e do mundo humanizado.”